

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

MISCELLANEA FOLK-LORICA

(Romanceo)

O Conde Alardos

(Continuação)

Nenhum d'elles comia;
 As lagrimas eram tantas
 Que pela meza corriam.
 —O que tendes, ó meu esposo,
 O que tendes por *minha via*?
 —Manda el-rei que te mate,
 Pra casar com sua filha.
 —Cala-te, ó conde meu,
 Que isso mui bem se fazia:
 Manda-me pr'a uma clausura,
 Onde não veja solnem lua,
 Ou manda-me para França
 Onde eu pae e mãe *tenia*.
 —Já lhe propuz isso, condessa,
 El' respondeu que não q'ria,
 Que levasse a cabeça
 N'esta maldita bacía;
 Que a não trocasse por outra,
 Que muito bem te conhecia:
 Que tens tres signaes na cara,
 Todos tres com bizarria.
 —Não me mates com cutelo,
 Nem com arma que fira;
 Da-me cá uma toalha
 Das mais finas que *tenia*.
 Já me corre o meu leite
 Pelas minhas alvas carnes:
 Andarão os meus meninos
 De comadres em comadres...
 Já me corre o meu leite
 P'las minhas alvas camizas;
 Andarão os meus filhos
 De visinhas em visinhas...
 Já me corre o meu leite
 Pelas minhas bellas veias;
 Andarão os meus meninos
 A mammar mämmas alheias!...

Da-me cá o meu menino,
 O mais novo que eu *tenia*;
 Mammae filho, mammae filho,
 Este leite de amargura,
 Que amanhã por esta hora
 'Stá tua mãe na sepultura!...
 Anda cá filho mais velho,
 Que te vou a ensinar,
 A' mãe que tu vaes a ter,
 Como lhe has-de falar:
 O teu chapeusinho na mão
 E o joelho posto em terra,
 Com toda a veneração,
 Que ella a realeza encerra:
 Aqui, vos peço, Senhora,
 Benção para um infeliz,
 Que já hoje não tem mãe...
 Vossa alteza assim o quiz!
 Separastes um casal
 Que tão feliz vivia,
 Não pôde Deus, Senhora
 Dar-nos completa alegria...
 Meus irmãosinhos pequenos,
 A quem tiraste a mãe,
 Não os desprezeis, Senhora,
 Nem tão pouco a mim tambem;
 Já me foste tão cruel,
 Não leveis vossa tyrannia
 Em desgraçar os filhos
 Da que mal vos não fazia.—
 Depois de ao filho ensinar
 O que devia dizer,
 Deitou a toalha ao collo
 Para a morte a si dar,
 Pôz os olhos no ceu,
 Os sinos ouviu tocar.
 —Tocam os sinos na Sé,
 Repicam os da Trindade...
 Quem morreu, quem morreria
 N'esta nobre cidade?
 Tocam os sinos na Sè;
 Quem morreu, quem morreria?
 —Morreu a filha do rei,
 De inclemencias que fazia,
 Apartar os bem casado,
 Coisa que Deus não permittia.

Romance

IV

D. Marcos

Lá se apregoam as guerras.
 Entra França e Aragão;
 Ai de mim! que já sou velho,
 E as guerras me matarão.
 De sete filhas que tenho,
 Nenhuma sahio varão.
 —Pae, dae-me armas e cavallos,
 Que quero ir ser capitão,
 —Tendes um lindo cabello,
 Filha, conhecer-vos-hão.
 Mandal-o hei a cortar,
 E atarei-me um listrão.
 —Filha, tendes lindos olhos,
 Logo conhecer-vos-hão.
 —Ao sahir d'esta corte,
 Eu os pregarei no chão.
 —Filha tendes lindos peitos,
 Logo conhecer-vos-hão.
 —Índa ha de haver um alfayate
 Que me faça um gibão,
 Pra desapartar meus peitos,
 Mettel-os no coração,
 —Filha, tendes lindo andar,
 Logo conhecer-vos-hão.
 —Ha-de haver um sapateiro,
 Que faça botas do joelhão,
 Para quando for a andar
 Me faça andar de moitão;
 E quando d'aqui me for
 D. Marcos me chamarão.
 —Madre mya, madre mya
 Que me morro já de amores,
 Que os olhos de D. Marcos
 São de mulher, que não de hombre.
 —Pois se tu o queres saber,
 Tral-o contigo a jantar,
 Bota-lhe cadeiras baixas,
 Para n'ellas se assentar—.
 D. Marcos, como discreto,
 Não deixou de suspeitar,
 Foi passando pelas baixas,
 Nas altas se foi sentar.
 —Madre mya, madre mya,
 Que me morro já de amores,
 Que os olhos de D. Marcos
 São de mulher, que não de hombre.

—Convidae-o vós, men filho,
 Pra ir á feira passear,
 Que se elle for mulher,
 A's fitas se ha-de pegar,
 E se elle homem for
 A's espadas se ha-de lançar,
 —O' que tão lindas fitas,
 Pr'ás senhoras s'adornarem,
 O' que bellas espadas
 Para na guerra lidarem,
 —Madre mya, madre mya,
 Que me morro já de amores,
 Que os olhos de D. Marcos
 São de mulher, que não de hombre.
 —Pois se tu o queres saber
 Leva-o contigo a banhar,
 Pois se elle homem for
 A's aguas se ha-de lançar,
 E se elle mulher for
 Muito bem se ha-de escusar—.
 Tinha uma bota descalça,
 E outra por descalçar,
 Quando le veio por noticia
 Que sua mãe era morta,
 É seu pae a acabar;
 Que tinha seis irmãs orphãs,
 E as q'ria ir a amparar.
 —Montae vós, ó D. Marcos,
 Que vos quero acompanhar.
 =Sete annos andei na guerra
 Sem ninguem me conhecer;
 Deem cá uma almofada,
 A ver s'inda sei coser.

(Elvas)

Romance

V

D. Silvana

Estando D. Silvana
 No seu jardim assentada,
 Em manguinhas de camisa,
 Seu pae que bem a mirava:
 —Va-se d'aqui, ó meu pae,
 Ouvir, a missa do dia,
 Que eu vou para o meu quarto
 Vestir outra fatania.—
 Ao subir da negra escada,
 Madre velha que encontrava:
 —O que tendes vós, Silvana,
 Que assim vens agoniada?

—O que heide ter, madre velha,
 Accuda-me com o seu poder,
 Que meu pae é um traidor,
 Sua filha quiz acommetter.
 — Calate ahi, ó Silvana,
 Que isso remedio havia,
 Deita-te na minha cama,
 Que na tua me deitaria.—
 Lá pela noite adiante
 A traição a acommettia.
 —Vae-te d'hi, ó Silvana,
 Vae-te d'hi, ó malvada,
 Que ó fim de 7 annos e um dia
 Me fizeste mal casada.
 — Calate ahi, mulher minha,
 Que isso remedio havia,
 Mando-a metter n'uma torre
 Onde não veja sol nem dia;
 Nem as *avens* do ceu
 Noticia. d'ella daria;
 Comerá peixe salgado,
 Agua não na beberia.—
 O' fim de sete annos e um dia
 Abriu-se-lhe uma ventana,
 Das mais altas que tenia.
 Viu estar seus irmanitos
 Jogando a espada preta:
 Irmanitos da minh'alma,
 Por Deus e Santa Maria,
 Dae-me um jarrinho d'agua!
 —Irmanita da minh'alma
 Quem te podera dar agua!
 Nosso pae é um traidor
 Té a agua tem fechada!
 Tem-nos promettido a todos,
 P'las cruces da sua espada,
 Que aquelle que te der agua
 Terá a cabeça cortada!—
 Foi-se d'ali Silvana,
 Muito triste, agoniada;
 Abriu-se-lhe outra ventana,
 Das mais altas que tenia,
 Viu estar suas irmanitas
 Fiando ouro e prata:
 —Irmanitas da minh'alma,
 Por Deus e Santa Maria,
 Dae-me um jarrinho d'gua.
 Irmanita da minh'alma,
 Quem te podera dar agua!
 Nosso pae é um traidor,
 Té a agua tem fechada!

Tem-nos promettido a todas,
 P'las cruces da sua espada,
 Que aquella que te der agua
 Terá a cabeça cortada!—
 Foi-se d'ali Silvana,
 Muito triste, agoniada;
 Abriu-se-lhe outra ventana,
 Das mais altas que tenia,
 Viu estar su madre velha
 Lendo n'um livro de prata:
 —Madre velha, madre velha,
 Madre velha da minh'alma,
 Por Deus e Santa Maria,
 Dae-me um jarrinho d'agua.
 —Vae-te d'ahi, ó Silvana,
 Vae-te d'ahi, ó malvada!
 Que ó fim de 7 annos e um dia
 Me fizeste mal casada!—
 Foi-se d'ali Silvana;
 Muito triste, agoniada,
 Abriu-se-lhe outra ventana,
 Das mais altas que tenia,
 Viu estar su padre velho
 Lendo n'um livro d'ouro:
 —Padre velho, padre velho,
 Padre velho da minh'alma,
 Por Deus e Santa Maria,
 Dae-me um jarrinho d'agua,
 Que eu prometto, ó meu pae.
 De ser vossa namorada;
 —Altos criados, criados!
 A Silvana vão dar agua!
 Aquelle que chegar primeiro
 Tem uma prenda ganhada,
 E aquelle que chegar ultimo
 Tem a cabeça cortado.—
 Chegaram todos ó tempo.
 Já Silvana está morta,
 De anjinhos está cercada,
 S. João fazia a cova,
 Nossa Senhora a amortalhava
 A' cabeceira da cama
 Tinha uma fonte d'agua,
 —O' Silvana, minha filha,
 Oh! quem não te fora nada!
 A tua alma está no ceo,
 A minha está condemnada!

Elvas.

VI

Romance

A Infanta castigada

—Casae-me, meu pae, casae-me
Que a idade me obriga,
Já todas as do meu tempo
Teem casa e teem vida.

—Com quem te casarei, filha,
Se a côrte já é corrida,
Sem achar quem pretendia?

—Se o Conde Aíardos não fosse,
Mulher, filhos que *tenia*,
Esse é que era o que eu amava;
Esse é que era o que eu q'ria;

.....

—Inda agora vim do paço,
El-rei me mandou chamar,
Não sei se é para meu bem,
Se será para meu mal.

Entrei pelo paço a dentro,
Fazendo mil cortezias:

Que quer vossa magestade,
Que quer vossa senhoria?

—Quero que mates a condessa,
P'ra casares com minha filha.

—Como a hei-de matar, rei,
Se a morte não é mer'cida?

Mandal-a-hei para a França
Onde pae e mãe vivia;

Ou mettel-a-hei n'uma torre,
Onde não veja sol nem dia,

E nem as *avens* do ceo
Noticia d'ella daria.

—Tudo isso será bom,
Mas nada d'isso eu queria;

Quero me tragas a cabeça
N'uma dourada bacia,

Não a troques tu por outra,
Que eu logo a *comia* a,

Tem dois signaes na cara,
Que muito bem lhe dizia —

Foi o conde para casa
Muito triste, em demasia,

Sentou-se co'a condessa á meza,
Nem um nem outro comia,

As lagrimas eram tantas
Que pela meza corriam.

—O que tendes, q'rido conde,
Contae-me a vossa agonia?

—Eu não vos q'ria dizer,
Mas sempre vos dizia:
Manda el-rei que eu vos mate,
P'ra casar co'a sua filha.

—P'ra que me hasde matar, conde,
Se a morte não sou mer'cida?
Mandar-me-has para a França
Onde pae e mãe vivia,
Ou metter-me-has n'uma torre
Onde não veja sol nem dia,
E nem as *avens* do ceo
Noticia de mim diaria.

—Tudo isso eu já lhe disse,
E elle disse que não q'ria:
Quer que lhe leve a cabeça
N'uma dourada bacia;

Que não lh'a troque por outra,
Que elle logo a conhecia,
Tem dois signaes na cara,
Que muito bem lhe dizia.

Não me mates com espadas,
Nem com ferros que tenia,
Mata-me com laços finos,
P'ra mais alta senhoria.

O' criadas, ó criadas,
Venha papel e tinteiro,
Que me quero despudir
De toda a minha familia.

Adeus palacios, adeus salas,
Adeus conde d'Alegria,
Adeus quartos, adeus cama,
Adeus cama onde eu dormia.

Adeus jardim, adeus fonte,
Adeus fonte onde eu bebia,
Adeus criadas, vassallas,
Adeus minha companhia;

Que é mandado pelo rei
Fazer esta tirannia.

Mamãe, filhinhos, mamãe,
Este leite d'amargura,

Que amanhã por estas horas
Tereis mãe na sepultura;

Mamãe, filhinhos, mamãe,
Este leite d'agonia,

Que amanhã tereis madrasta
De mais alta senhoria.

—Dobram os sinos da Sé,
Tocam em Santa Maria,

(Continua)

Antonio Thomaz Pires: